

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O TRABALHO COM SENTIDO EM UMA OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA:
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UMA LINHA DE PRODUTOS DE FUTEBOL

Bárbara Pegoraro Silveira Gomes

Orientador: Prof. Dr. Bruno Ferrari Emerich

CAMPINAS
2019

BÁRBARA PEGORARO SILVEIRA GOMES

O TRABALHO COM SENTIDO EM UMA OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA:
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UMA LINHA DE PRODUTOS DE FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Campinas como requisito parcial para aprovação.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Ferrari Emerich

CAMPINAS
2019

Dedico esse trabalho aos oficinairos da Oficina de Vitrais do Núcleo de Oficinas e Trabalho do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Por terem me ensinado, ouvido, falado e dividido tanto comigo. Por mudarem minha perspectiva e pela parceria que construímos diariamente. Por toda a nossa história juntos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro, marido e apoiador, Guilherme, por viver 1459 dias me ouvindo sobre as dificuldades de ser residente e mesmo assim entrar de cabeça comigo em mais cursos e especializações. Por fazer os questionamentos mais duros e necessários. Pela paciência com dois Trabalhos de Conclusão de Curso, pelas ajudas com gráficos e cálculos e por me ensinar tantas outras coisas. Por ser meu equilíbrio. Pela nossa construção de relacionamento, por todo o amor e por ser tanto na minha vida.

Aos meus pais, por serem apoio e ajuda. Por darem amor e terem se mantido disponíveis sempre. Pelos conselhos e puxões de orelha. E por me ensinarem a ter resiliência sempre.

À Beatriz, por ser solidez e sutileza. Por me conhecer tão bem. Por estar comigo em todos os momentos e se fazer presente mesmo quando eu ainda não soubesse que precisava de ajuda. Por sabermos que não acaba aqui.

À Elizabete Santana, minha preceptora do segundo ano da residência e hoje minha amiga, por ter sido solidária com minha ignorância e me guiado nos primeiros passos na geração de renda. Por ser disponível para falar e escutar. Obrigada pelas conversas, discussões de casos, apoio e carinho. Pelas mensagens preocupada com meu bem-estar e por se fazer presente sempre.

Ao NOT, oficinairos, funcionários, monitores e coordenadores, por terem tido paciência e terem permitido que eu pudesse me experimentar diariamente. Pelas conversas, discussões de casos, reuniões, almoços e muitas outras situações que me transformaram. Obrigada pelas trocas e risos diários.

À “cúpula” Rosana, Bruno e Giovana, pela segurança e embasamento para que eu pudesse aprender e modificar. Por acreditarem na Fonoaudiologia na Saúde Mental. Por terem me ensinado sobre ética, perseverança e ressignificação.

À casa das 15 mulheres, por tudo.

Não se deve compreender a reabilitação apenas como um percurso individual do não saber ao saber, pois, é um processo orgânico de aumento das possibilidades de interações sociais, de afetos e resiliência. Trata-se criar redes de conexões. É habilitar, trocar identidades e assumir o protagonismo na invenção de caminhos que favoreçam muitos projetos de vida das pessoas. É transformar as relações entre os fortes e os frágeis.

(SARACENO, 1995;1996)

ELENÃO.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

NOT – Núcleo de Oficinas e Trabalho

SSCF – Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira

RP – Reforma Psiquiátrica

MS – Ministério da Saúde

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	2
BREVE HISTÓRICO REFORMA PSIQUIÁTRICA	2
A GERAÇÃO DE RENDA NA REFORMA PSIQUIÁTRICA.....	5
NÚCLEO DE OFICINAS E TRABALHO	6
A OFICINA DE VITRAIS.....	8
NOVA LINHA DE PRODUTOS.....	8
DISCUSSÃO	13
CONCLUSÃO	16

APRESENTAÇÃO

Após me graduar em Fonoaudiologia, na qual minha formação acadêmica se deu de forma bastante orgânica e biomédica, ingressei em uma pós-graduação em saúde do adulto e do idoso. Nela, pude ter meu primeiro contato com a saúde mental e me experimentar ainda que de forma rasa nessa área até então desconhecida. Minha curiosidade – sempre presente – me levou a uma segunda pós-graduação, essa em saúde mental, a qual encaminho para o fim enquanto escrevo esse trabalho.

A dedicação ao trabalho de conclusão de residência de trouxe muitos questionamentos sobre o que escrever, resumir uma experiência tão transformadora e intensa em um trabalho, de fato não é algo simples. Decidi então escrever sobre sentido, sempre procuro sentido em tudo o que faço e acredito que esse seja o caminho para a desalienação. Pensando sobre isso, optei por escrever sobre os diversos sentidos que eu vinha buscando e pude encontrar durante minha história até aqui, sentido no trabalho, sentido em buscar o novo, sentido em se permitir não saber algo, sentido em estar disponível para ensinar e aprender e o sentido que eu encontrei na geração de renda.

Durante o segundo ano da Residência em Saúde Mental da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp estive no Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT) serviço de geração de renda do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Ao escolher estar neste serviço almejava me conhecer como profissional, me permitir viver experiências novas e fora da minha zona de conforto, além de reconhecer mais a respeito da geração de renda e do funcionamento de uma oficina de trabalho.

Permaneci 11 meses na Oficina de Vitrais do NOT, vivência essa que renovou a minha visão a respeito da Saúde Mental, me possibilitou conhecer a geração de renda e suas ambiguidades, me fez colocar meu conhecimento prévio em perspectiva, além de ver e ser vista pelos usuários de Saúde Mental (aqui oficineiros) de outra forma. Aqui trabalhávamos juntos, criávamos juntos e trocávamos, experiências, conhecimentos, lágrimas e risadas.

Pude, em minha curta, porém vívida passagem nessa oficina, vivenciar e participar ativamente do processo de criação e produção de uma nova linha de produtos. Algo completamente fora da minha zona de conforto, que eu não tinha qualquer conhecimento prévio e que por diversas vezes me fazia questionar minha atuação como residente. Mas ora, não é mesmo para viver intensamente que escolhi viver tal experiência?

E assim, de forma tão intensa quanto eu poderia imaginar, o processo desde o surgimento da ideia até a oficialização da linha de produtos como parte da linha da oficina de vitrais aconteceu de forma co-gestiva, na qual o oficineiro foi protagonista. Foram meses de discussões e tentativas – muitas vezes frustradas – até que o primeiro produto fosse produzido.

Esse trabalho conta da minha experiência, lado ao lado com os oficineiros e profissionais, vivenciando um processo de criação de uma linha de produtos dentro de uma oficina de geração de renda, e as mudanças que, felizmente, decorreram a partir dele.

1. INTRODUÇÃO

1.1 BREVE HISTÓRICO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

Os manicômios foram, durante muito tempo, o principal tratamento psiquiátrico nos países ocidentais (SARACENO, 2001). Sua existência era justificada, segundo Amarante (1995), a partir da filosofia do alienismo, na qual a internação nos manicômios era tida como um espaço de não exclusão e oferta para pessoas ditas como sem condições de conviver em sociedade. O manicômio, dessa forma, passou a ser visto por seus defensores como um espaço de cura pela Razão e de não julgamento pela sociedade, permitindo ao sujeito exercer a liberdade, com objetivo de se tornar um sujeito de direito.

O alienismo, que surge na virada do século XVIII para o século XIX, representa a resposta da ciência médica à questão da loucura, redescrita como alienação mental – isto é, como uma doença que deveria ser tratada por um tipo especial de medicina, segundo os paradigmas do tratamento físico-moral pineliano e da teoria das paixões. A loucura passa a ser entendida como uma afecção médica provocada pela combinação de causas físicas e morais. Neste contexto, aparece um novo especialista, o alienista, a quem compete tratar, usando uma expressão da época, "dos infelizes privados do uso da razão". Aparece também o hospício, lugar de triunfo e operação desta nova concepção.

O nascente alienismo busca retirar a loucura do terreno das especulações metafísicas e religiosas, apresentando-se como uma alternativa mais moderna e humanitária ao cuidado religioso oferecido aos loucos europeus por diversas irmandades religiosas e hospitais de caridade. Phillipe Pinel, com a experiência de Bicêtre e Salpêtrière e a publicação do *Tratado Médico Filosófico sobre a Alienação Mental* (1801), personifica o modelo de intelectual-cientista do campo

do alienismo. Mais que um modelo, é o seu mito fundador (TEIXEIRA; 2012; p.367).

O marco institucional fundador do alienismo brasileiro é a inauguração do Hospício Pedro II, em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, então sede da Corte Imperial. Para dimensionar a importância desta criação, basta lembrar que o decreto n. 82, de 18 de julho de 1841, determinando essa fundação, foi o primeiro decreto assinado pelo Imperador no dia da sua coroação (TEIXEIRA, 2012, p.365).

Para Canabrava (2010, p.173), o modelo de tratamento no Hospício de Pedro II se tratava da situação na qual o médico responsável realizava a prescrição curativa associada a atividades manuais, entretenimento e serviços domésticos. Os internos ainda eram submetidos a coerções e repreensões quando não cumpriam suas atividades adequadamente. Diversas condutas possibilitaram as repreensões, dentre elas: restrições alimentares, proibições de relações sociais (não recebimento de visitas), isolamento, camisa de força, entre outros. Assim, os propósitos de instituições psiquiátricas eram controlar e moldar posturas e comportamentos por meio de controle total, disciplina e violência institucional.

As modalidades de tratamento para os portadores de transtornos mentais não tinham qualquer caráter curativo tinham, porém, de proteção social. Para os ditos alienados indigentes, que tinham capacidade física de trabalhar em indústrias e/ou agricultura eram designados locais de trabalho. Além de resolver graves problemas de superlotação, havia um grande interesse terapêutico em oferecer um novo tratamento baseado no trabalho.

Apesar das experiências das colônias agrícolas, laborterapia ou ergoterapia delinearem em sua filosofia originária os objetivos, entendidos à época como terapêuticos, os trabalhos tinham de fato outra função. (SARACENO, 1999, p.115).

O trabalho, além de ser considerado mantenedor da ordem e da tranquilidade institucional, pois estando uma grande parcela de internos ocupados pelo trabalho contínuo e produtivo, diminuía-se a agitação, as brigas e a desordem institucional, poderia gerar recursos significativos desobrigando o estado desse cargo. O trabalho era assim, usado como tratamento moral.

Posteriormente, no combate ao autoritarismo do Estado, começaram as críticas em relação à assistência pública em saúde – que se mostrava ineficiente. Adicionado a isso, aconteciam denúncias ao sistema fraudulento de financiamento de serviços e, o que é de maior importância para o movimento reformista subsequente (Reforma Psiquiátrica), o abandono, a violência e os maus tratos a que os ditos doentes mentais eram submetidos.

Está sendo considerada reforma psiquiátrica o processo histórico de formulação crítica e prática que tem como objetivos e estratégias o questionamento e a elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma de psiquiatria. No Brasil, a reforma psiquiátrica é um processo que

surge mais concreta e principalmente a partir da conjuntura da redemocratização, em fins da década de 1970, fundado não apenas na crítica conjuntural ao subsistema nacional de saúde mental, mas também, e principalmente, na crítica estrutural ao saber e às instituições psiquiátricas clássicas, no bojo de toda a movimentação político-social que caracteriza esta mesma conjuntura de redemocratização (AMARANTE, 1995, p.91).

Silva e Rosa (2014, p.257) elucidam que a Política de Saúde Mental brasileira, desde a década de 1990, toma rumos distintos, tendo em vista o novo modelo de atenção à pessoa com transtorno mental, advindos com os ideais da RP e do SUS, além das conquistas da Luta Antimanicomial, que visam à substituição do modelo hospitalocêntrico, centrado nas internações e medicalização da enfermidade, devendo ser priorizado o sujeito em sua totalidade, o contexto social em que está inserido. Torna-se necessário investir nos determinantes sociais, econômicos e culturais implicados no processo saúde-doença, no sentido de melhorar a qualidade de vida e prestar uma atenção integral e intersetorial. As autoras explicam que a Reforma Psiquiátrica brasileira tem como eixos: a) processo de desinstitucionalização como desconstrução dos aparatos manicomiais; b) a descentralização da atenção na internação hospitalar em manicômios para o cuidado comunitário e c) rede diversificada de Atenção à Saúde Mental, implicando a reconstituição da complexidade das necessidades sociais subjacentes à enfermidade e à intersetorialidade. A intersetorialidade é inerente ao processo, pois é reconhecida a complexidade do cuidar na comunidade, exigindo ações integrais, visto que, comumente, ao transtorno associam-se a pobreza, o desemprego, o analfabetismo, ou seja, as vulnerabilidades sociais em geral.

A noção de desinstitucionalização vem como desconstrução de práticas, saberes e valores. Refere ainda que quando se altera o objeto da psiquiatria são abertas diversas possibilidades de transformação de todos os atores da relação.

A discussão acerca da (re)inserção social baseia-se por meio de atividades laborais. A construção da categoria trabalho possui contribuições de diferentes momentos e atores sociais que formaram o que atualmente tem-se por trabalho, mais intrinsecamente sobre o trabalho como instrumento de sociabilidade e inclusão (PACHECO; BEZERRA; CAVALCANTE, 2016, p.44).

1.2 A GERAÇÃO DE RENDA NA RP

O movimento da Luta Antimanicomial e o movimento de trabalho cooperado e solidário tem diversas similaridades entre si. Ambos compartilham princípios fundamentais pautados em dimensões éticas, políticas e ideológicas que preconizam a construção de uma sociedade mais inclusiva, solidária e justa (ANDRADE et al, 2013).

Compreendidas como situações de inserção no mundo do trabalho, de produção de sentido e valor e em consonância com os princípios cooperativistas e de autogestão, as iniciativas de geração de trabalho e renda enfrentam, além do desafio de potencializar e tornar possível a convivência com a diversidade, a falta de uma consolidação legal e, conseqüentemente, processos de invalidação e exclusão. O relacionamento entre o capitalismo e a loucura produz, historicamente, o estranhamento diante da diferença e a exclusão dos menos favorecidos da condição de trabalhador.

Atualmente, a Política Nacional de Saúde Mental e Economia solidária estabelece as diretrizes dos Programas de Inclusão Social pelo Trabalho, desenvolvidos dos âmbitos estaduais e municipais, que são: inclusão social; acesso ao trabalho e à renda sob égide dos direitos humanos; incremento na autonomia e da emancipação do usuário; desenvolvimento da cooperação e da solidariedade; fortalecimento do coletivo; incentivo à autogestão e à participação democrática; geração de alternativas concretas para melhoria de vida; desenvolvimento local; participação da comunidade; articulação em redes intersetoriais (saúde, trabalho, educação, assistência social, cultura); formação de redes de comercialização solidária, entre outros (Portaria nº 1169, de 07 de julho de 2005).

Em 2004, dentre os avanços da reforma psiquiátrica brasileira, houve uma aproximação entre o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) via Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), no qual políticas públicas que garantissem o protagonismo das experiências de geração de renda e trabalho no campo da saúde mental fossem traçadas. Contudo, diversas experiências de inserção pelo trabalho, pautadas em referenciais teóricos distintos, tinham evidenciado a necessidade da criação de instrumentos legais, alianças interinstitucionais e sociais para contemplar as diversas questões que emergem dessa prática (PACHECO, 2013).

A partir da necessidade de aparatos legais, a portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, que institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde define que:

Art.12. O componente da Reabilitação Psicossocial da Rede de Atenção Psicossocial é composta por iniciativas de geração de trabalho e renda/empreendimentos solidários/cooperativas sociais.

§1º As ações de caráter intersetorial destinadas à reabilitação psicossocial, por meio da inclusão produtiva, formação e qualificação para o trabalho de pessoas com

transtornos mentais ou com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas em iniciativas de geração de trabalho e renda/empreendimentos solidários/cooperativas sociais.

§2º As iniciativas de geração de trabalho e renda/empreendimentos solidários/cooperativas sociais de que trata o § 1º deste artigo devem articular sistematicamente as redes de saúde e de economia solidária com os recursos disponíveis no território para garantir a melhoria das condições concretas de vida, ampliação da autonomia, contratualidade e inclusão social de usuários da rede e seus amigos (BRASIL, 2011, s/p).

A temática do trabalho como forma de inclusão social continuamente é discutida e apresenta divergências e contradições nas experiências existentes ao redor do mundo.

No contexto brasileiro, o debate contemporâneo está no que se refere à utilização do trabalho na saúde mental: o trabalho terapêutico (protegido) ou o trabalho como forma de garantia de remuneração e contratualidade, exercício da cidadania (ROVER, 2018).

No referencial do trabalho protegido interessa somente a subjetividade e a singularidade do paciente considerando que as alterações psicopatológicas são impossíveis de serem negadas nas experiências de trabalho. Os autores desse referencial discutem um uso com olhar mais para a questão clínica e menos sociopolítico do trabalho no âmbito da saúde mental (Guerra, 2004). Já os autores que questionam a utilização do trabalho como terapia discutem a vocação terapêutica do trabalho, fazendo um apontamento de que o trabalho é um direito do cidadão e não pode ser transformado em tratamento (ROTELLI, 1994).

Existe ainda uma combinação das duas possibilidades anteriores, buscando cruzar os aspectos da dimensão psíquica do sujeito com os da dimensão política (GUERRA, 2004). Nesta perspectiva, atualmente, encontra-se o Núcleo de Oficinas e Trabalho, serviço de geração de renda do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira.

2. NÚCLEO DE OFICINAS E TRABALHO

O NOT foi criado em 1991, por um grupo de trabalhadores do SSFC hospital psiquiátrico de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, localizado do distrito de Sousas, em Campinas (SP). Inaugurado em 1924, o serviço atendia pessoas que não possuíam direitos previdenciários, e oferecia internação psiquiátrica, geralmente de longa duração. Os autores ainda relatam que na época, o SSFC atravessou uma grave crise financeira quando foi estabelecido, em 1990, um convênio de cogestão com a Secretaria Municipal de Saúde. A partir desse convênio, a equipe passou a buscar alternativas para substituir o asilo psiquiátrico e a transformação do modelo assistencial. Com a reformulação da assistência, foram criados novos equipamentos, como hospital-dia, centro de atenção psicossocial e moradias, para atender a demanda da população interna e externa e ampliação do acesso para a população. A

busca de estratégias de inclusão desses usuários na sociedade e na família, de aceitação das diferenças advindas dos transtornos mentais, de valorização desses usuários e de melhoria de qualidade de vida mostrou que serviços singulares eram necessários.

Para Rimoli e Cayres (2012) a criação de uma nova unidade assistencial, o NOT, programa responsável pela demanda de trabalho desses usuários e propiciar espaços facilitadores de comunicação e das relações interpessoais. O trabalho NOT, seguindo este raciocínio, passou a funcionar a partir de oficinas de trabalho.

As frentes de trabalho propostas inicialmente para atender pacientes moradores da instituição que já desenvolviam atividades de trabalho nos diversos setores do hospital foram as oficinas agrícola, de artesanato (fios e pintura) e de culinária, que foram definidas levando-se em consideração a história ocupacional prévia dos usuários, o espaço físico, os recursos materiais e humanos disponíveis, assim como as atividades desenvolvidas nos serviços da instituição. (CAYRES ET AL; 2001).

Atualmente trabalham cerca de 300 usuários que trabalham em 12 oficinas: Oficina de Papel Artesanal, Oficina de Mosaico, Oficina de Costura, Oficina Gráfica, Oficina de Culinária, Oficina de Eventos, Oficina de Doceria Artesanal, Oficina de Serralheria, Oficina de Marcenaria, Oficina Agrícola, Oficina de Vitrais e Oficina de Ladrilho Hidráulico. A constituição de cada oficina é bastante individualizada, tendo como ponto de consonância 1 profissional de nível superior (psicólogo, terapeuta ocupacional, nutricionista, assistente social e enfermeiro) e ao menos um monitor que tenha conhecimento da técnica da oficina a qual atua. Além da equipe citada também compõe a equipe: vendedores da Loja Armazém das Oficinas, administrativo, técnico de enfermagem e motorista.

O horário de funcionamento do serviço é de forma bastante generalista de segunda à sexta feira, das 08:00 às 16:00, no qual durante o trabalho é serviço café da manhã e almoço aos oficinheiros.

No âmbito da saúde mental brasileira, as oficinas de geração de trabalho e renda tem como desafio transformar a atividade laborativa em um instrumento de reabilitação psicossocial fora do contexto hospitalocentrico. (LEAL, 2004).

2.1 A OFICINA DE VITRAIS

A oficina de vitrais foi implantada em 2003, para atender a demanda reprimida e lista de espera da rede e também pensando em atender a demanda do mercado, confeccionando vitrais para portas, janelas e claraboias porém, como o passar o tempo foram agregadas outras atividades.

Atualmente, a oficina de Vitrais é composta por 1 coordenadora (Terapeuta Ocupacional), 2 monitores e 30 oficineiros. No que diz respeito a composição do grupo de oficineiros, 26 são homens e 4 são mulheres, com diagnósticos de saúde mental diversos, e todos em acompanhamento pela rede municipal (Centros de Saúde, Abrigos e/ou Centros de Atenção Psicossocial).

No que diz respeito ao ingresso, após ter realizado triagem e escolhido a oficina de Vitrais – como uma das oficinas em que gostaria de ingressar – e havendo vaga, o oficineiro(a) passa 3 meses pelo processo de treinamento, no qual outro oficineiro que possui domínio da técnica ensina o passo a passo da produção de um vitral. Inicialmente é ensinado o corte do vidro reto, passando para curvas, círculos e diversas outras formas; formas essas que se transformam em desenhos de peças únicas, artesanais e artísticas.

A produção da oficina se divide em três frentes: luminárias, vitral religioso e vitral artesanal. A frente de luminárias produz como o próprio nome diz luminárias de garrafas e placas de vidro; a frente de vitral religioso atua na criação, produção e restauro de vitrais de igrejas e casas; enquanto a frente de vitral artesanal cria e produz peças de decoração e utensílios como: potes, badejas, caixas e porta-retratos. Cabe pontuar que para a produção deste trabalho enfatizo o olhar para a frente de vitral artesanal na oficina de Vitrais.

Ainda no que se refere a produção podemos didaticamente dividir em acabamento e vitral propriamente dito. Todas as peças de madeira crua iniciam na bancada de acabamento no qual é lixada e pintada de branco, para que os fundos fiquem lisos e uniformes. A peça então é direcionada para o vitralista que irá confeccionar o vitral, realizando o desenho na peça bem como cortando, lixando e colando os vidros; a peça então retorna para a bancada inicial no qual é realizado o rejunte, limpeza e pintura final da peça, sendo finalizada pela embalagem. Diversos oficineiros participam, dentro de suas funções e condições, da produção de todas as peças, sendo um processo coletivo e inclusivo.

“...não é que fazer vitral é difícil. Eu aprendi com os meus outros colegas. Mexer com a vídia (instrumento de corte de vidro) era muito difícil no começo, pois é muito delicado e preciso. Mas com concentração e esforço eu consegui e estou muito orgulhoso de mim...” (O1, 2019).

2.2 NOVA LINHA DE PRODUTOS

Passada a tradicional apresentação durante minha chegada na oficina onde fui questionada com as perguntas: “Qual seu nome?” / “Qual sua profissão?”, fui surpreendida com outra questão que logo descobri ser um importante marco para as relações estabelecidas naquele grupo: “Pra que time você torce?”. Ao me apresentar como São Paulina observo

reações diversas no grupo, risadas, comentários satisfeitos e outros em tom de brincadeira “*Você tem cara de Corinthiana*”. Naquele dia, fizemos diversas brincadeiras acerca dos times que todos nós torcíamos, oficinairos, monitores, coordenadora e eu.

Com o passar do tempo, percebi que todas as segundas e quintas-feiras eram realizadas resenhas de todos os jogos da semana, quem ganhou quem perdeu, a classificação dos campeonatos e claro, muitas brincadeiras e risadas.

Desde os primeiros dias em que estive presente na oficina percebi que era produzida uma grande quantidade e variedade de produtos, todos bastante diferentes entre si (portatáleres, badejas giratórias, caixinhas, entre outros). Também observei que os produtos tinham uma similaridade, todos eram decorados com flores e mandalas e sempre muito coloridos. Ainda observava juntamente com as vendedoras da loja do Armazém das Oficinas – loja física e virtual na qual são vendidos os produtos das oficinas de geração de renda do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira – certo padrão de compradores desses produtos, em sua maioria mulheres me deia idade.

Em conversa com um dos oficinairos (O2), pensamos que as peças que eram produzidas pela oficina de Vitrais eram confeccionadas pensando em uma população específica e que isso afunilava significativamente nossas possibilidades de venda. Também pensamos sobre como seria interessante produzirmos peças para outro público, que outrora não era consumidor dessa oficina, além é claro, do fato de que melhorar as vendas implica diretamente no pagamento dos oficinairos. Aqui cabe uma breve explicação sobre como os oficinairos recebem por seu trabalho, o pagamento das oficinas do NOT é denominada “bolsa-oficina”, tal valor é definido levando em consideração a quantidade de horas trabalhadas no mês e considerando ainda o “cargo” que o oficinairo ocupa dentro da oficina e as vendas que tal oficina realiza por mês. Geralmente o valor dividido para pagamento da bolsa-oficina é variável de acordo com cada oficina e cada mês.

Após a conversa com o oficinairo, optamos por levar o assunto em roda visto que era um assunto de interesse geral.

Concomitante às conversas a respeito de uma nova possibilidade de produtos, aconteciam durante as rodas¹ diversas conversas e problematizações a respeito do valor recebido pelos oficinairos pela bolsa oficina (pagamento mensal). Várias eram as problematizações sobre como conseguir maior valor de venda para melhorar o saldo total do caixa da oficina – que estava negativo – e diversas propostas foram pensadas a partir disso, vendas em consignação, valores promocionais de venda, entre outros. Essa discussão possibilitou ao grupo (me incluo) a repensar as peças que estavam sendo produzidas, levando em consideração o valor de produção associado ao valor de venda e peças mais rentáveis. Pensamos juntos na possibilidade de produzir peças diferentes do que era produzido naquele momento. Ainda durante essa discussão, O2 referiu então que gostaria de produzir peças de times de futebol, como placas de times. Discutimos como coletivo a viabilidade dessa produção e a perspectiva de venda, foi unânime o pensamento de que seria algo que nos

¹ As rodas de conversa são reuniões semanais de cada oficina nas quais são discutidas e decididas ações pertinentes para cada grupo. Podendo explorar o contexto interno, o funcionamento e organização do trabalho, os problemas enfrentados desde a produção até as vendas e as situações decorrentes das particularidades de cada oficinairo (Galves *et al*, 2016).

diferenciaria do mercado e que poderíamos investir para ver como essa nova linha de produtos faria parte da oficina de Vitrais.

Inicialmente nem todos os oficinairos demonstraram interesse em produzir as peças da linha de futebol que estava sendo discutida – apesar de ser unânime o desejo de que essa linha fizesse parte da oficina – alguns oficinairos tinham preferência pela produção de outros desenhos e produtos enquanto outros, apesar do grande interesse pelo tema futebol, não se sentiam aptos a realizar tais peças, referiam do número de detalhes dos escudos dos times por exemplo.

“Tudo começou quando mostrei uma foto impressa do Escudo do Corinthians e fui muito incentivado pela equipe da oficina, que me provocou dizendo que bastava eu desenhar da forma que eu estava querendo apresentar a peça e começar a produção. Enfatizaram que eu era capaz, pois já havia feito muitas peças, até com maior nível de dificuldade e havia dado conta.” (O2).

Como teste, O2 produziu, juntamente com a equipe de acabamento, a primeira peça para decorar sua própria casa e começou a se dedicar na confecção daquele que seria o protótipo para demonstrar a viabilidade da produção e testar a aceitação dos escudos esportivos. Ao finalizar a peça (FIGURA 1) O2 percebeu que a equipe do NOT (oficineiros e funcionários), familiares e amigos ficaram admirados com a riqueza de detalhes do trabalho. A primeira encomenda surgiu por um pedido de seu sobrinho. Nesse momento, a linha de times de futebol provou-se comercialmente viável e a produção foi aprovada pelo coletivo da oficina.

FIGURA 1. Primeira peça da linha de futebol finalizada.



Após a primeira encomenda, muitas outras surgiram de vários times e a demanda crescia a cada semana. Inicialmente produzida por O2 e alguns oficinairos da bancada de acabamento, pois outros oficinairos estavam produzindo outras peças de outros pedidos, a

linha de futebol despertou interesse em outras pessoas que sugeriram que além de placas fossem confeccionadas petisqueiras e porta-copos. Alguns faziam os quadros, outros os porta-copos, sempre dentro do desejo e habilidade para determinadas peças e assim as encomendas eram atendidas e maior a visibilidade e rentabilidade das peças.

Conforme as encomendas chegavam, muitos eram os comentários e brincadeiras sobre os times. *“E aí corinthiano, vai fazer a peça do Palmeiras? A mão vai cair.”* (FIGURA 2), *“Ah, essa peça do São Paulo eu faço com gosto”* (FIGURA 3).

Os produtos da linha de futebol aumentaram significativamente a venda geral da Oficina de Vitrais, tanto em relação aos produtos propriamente ditos quanto ao valor cobrado por peça. É possível demonstrar tal alteração quando comparamos uma das peças mais vendidas da oficina, bandeja giratória 30 cm, que é vendida pelo valor de R\$ 120,00, enquanto o produto mais vendido da linha de futebol, quadro 50 cm é vendido por R\$ 400,00. Algo importante de ser relatado nesse momento é que, a partir do processo de produção da linha de futebol, a equipe passou cogestivamente a delimitar os valores das peças, os oficinairos tiveram um papel muito importante nesse processo referindo quanto pagariam ou achavam que a peça poderia ser vendida. Levando em consideração os valores de custo de produção, todos os valores de venda dessa linha foram decididos pelos oficinairos – seus criadores.

Além do aumento nas vendas, que resulta diretamente no pagamento dos oficinairos, a produção dos produtos com os quais se identificavam gerou uma mudança significativa no grupo, o trabalho por vezes silencioso deu espaço a conversas, opiniões e deslocamentos dentro da oficina para ver a peça que outro oficinairo estava produzindo. A oficina encontrou uma nova forma de funcionar, com trabalho com sentido e que se mostrou financeiramente viável.

FIGURA 2. Início da produção de outros times.



FIGURA 3. Peças de times variados.



“as oficinas, o trabalho e a arte possam funcionar como catalisadores de construção de territórios existenciais (inserir ou reinserir socialmente os “usuários”, torná-los cidadãos...), ou de “mundos” nos quais os usuários possam reconquistar seu cotidiano...de cresse que está falando não de adaptação à ordem estabelecida, mas de fazer com que trabalho e arte se reconectem com o primado da criação, ou com o desejo ou com o plano de produção da vida”. (RAUTER; 2000).

3. DISCUSSÃO

Entendemos como significado do trabalho a representação que a tarefa executada tem para o trabalhador, seja individual (a identificação de seu trabalho no resultado da tarefa), coletivo (o sentimento de pertencimento a uma classe unida pela execução de um mesmo trabalho), ou social (o sentimento de executar um trabalho que contribua para a sociedade). Já o sentido do trabalho pode ser concebido, além do significado - individual, coletivo e social do trabalho -, como a utilidade da tarefa executada para a organização a que se pertence, a autorrealização e a satisfação, o sentimento de desenvolvimento e evolução pessoal e profissional (TOLFO e PICCININI, 2007, citados por SILVA e TOLFO 2012). Portanto, ao levarmos em conta a importância conferida ao trabalho, sobretudo no que diz respeito às amplas possibilidades deste prover ou não felicidade às pessoas na sociedade atual (SILVA E TOLFO, 2012).

Durante o processo de criação e produção da linha de futebol foi possível perceber uma mudança na dinâmica do grupo de oficinairos. Apesar de possuírem desejo de aumentar seus rendimentos na oficina (bolsa-oficina) e continuamente questionar os valores a serem recebidos por atividades extras – como por exemplo atividades da frente de vitral religioso – era perceptível que os oficinairos não tinham conhecimento sobre as peças a serem realizadas uns dos outros, não refletiam sobre as peças produzidas ou tinham conhecimento sobre o valor de venda, além de não realizar discussões sobre processos de trabalho, apesar de grande esforço da coordenadora e monitores em construir estratégias coletivas. Esses, após a criação e processo de outra linha de produtos, passaram a discutir sobre símbolos, escudos, melhores peças para serem produzidas e os valores que julgavam justos serem cobrados por seu trabalho. Também passaram a solicitar realizar mais peças, divulgar o trabalho produzido e realizar vendas externas.

O prazer e o sentimento de realização que podem ser obtidos na execução de tarefas dão um sentido ao trabalho. A execução de tarefas permite exercer seus talentos e suas competências, resolver problemas, fazer novas experiências, aprender novas competências, resumindo, realizar-se, atualizar seu potencial e aumentar sua autonomia (MORIN, 2007).

Esse processo se aproxima teoricamente da discussão sugerida por Antunes (2000), na qual o autor explana a respeito da possibilidade de relacionar o sentido do trabalho com o sentido na vida, afirmando que uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Dessa forma, para que haja uma vida dotada de sentido é necessário que o indivíduo encontre realização na esfera do trabalho. Para o autor, se o trabalho for autodeterminado, autônomo e livre, também será dotado de sentido ao possibilitar o uso autônomo do tempo livre que o ser social necessita para se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo. A busca de uma vida dotada de sentido a partir do trabalho permite explorar as conexões decisivas existentes entre trabalho e liberdade.

Morin (2007) define o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada por 3 componentes: I) o significado, II) a orientação e III) a coerência. O significado se refere às representações que o sujeito tem de sua atividade, assim como o valor que lhe atribui. A orientação é sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o que guia suas ações. E a coerência é a harmonia ou o equilíbrio que ele espera de sua relação com o trabalho. Desde o início do processo de criação até a produção estabelecida da linha de produtos de futebol a

estrutura afetiva sugerida por Morin foi observada em diversas cenas. O significado pôde ser observado quando o oficinairo O2 produziu a primeira peça para si mesmo, pois tinha desejo de ter uma peça de seu time em casa e queria mostrar o que produzia para seus familiares e amigos. Alguns oficinairos, após observarem a viabilidade da linha e a repercussão financeira que esta causava, passaram a solicitar que os pedidos fossem passados para eles; a orientação é observada quando a repercussão social e financeira guiou alguns sujeitos a participarem dessa atividade. Já a coerência está presente no desejo e motivação para alterar um processo de produção já existente, a disponibilidade de investigar tendências e da venda extra loja, em produzir algo novo do início ao fim.

Outro ponto importante de todo esse processo foi a busca dos oficinairos – como um coletivo – por outras possibilidades dentro de seu trabalho. Durante essa situação foi possível explorar possibilidades e conversar sobre a viabilidade ou não delas, permitir que esse processo acontecesse de forma horizontalizada favoreceu que todos os envolvidos pudessem experienciar, sugerir e discutir sobre ideias e decidir coletivamente o que seria melhor naquele momento, mesmo que essa linha de produtos não desse certo, seria algo do coletivo. Lancman e Uchida (2003, p.87), relacionam que a ação, para a Psicodinâmica do Trabalho, é ligada à ideia de que a organização do trabalho muitas vezes não leva em conta a racionalidade subjetiva. O trabalho é uma ação, mas dependendo de sua organização, impede o indivíduo de pensar a racionalidade dessa ação, o que gera, ao mesmo tempo, uma limitação na capacidade de se pensar.

O exercício da reflexão coletiva, que supõe mais que uma discussão em conjunto, mas uma ação visando a apropriação de uma inteligibilidade comum, regida pela intercompreensão de acordos e normas, produção de novas regras do trabalho e do métier. É necessária, nesse sentido, a criação de um espaço público de deliberação no qual as pessoas possam falar e se escutar para que a transformação da organização do trabalho ocorra. A confrontação de opiniões sobre o trabalho terá então o sentido de desenvolver a capacidade das pessoas pensarem individual e/ou coletivamente.

DEJOURS, citado por LANCMAN e UCHIDA
(2003, p.87)

O espaço de deliberação pública e congregativa na Oficina de Vitrais acontece por meio das rodas. Nelas, são compartilhadas todas as questões da oficina, seu funcionamento, resolução de conflitos do grupo, debate de estratégias para melhora do cotidiano, pedidos, o processo de trabalho e outros possíveis assuntos que sejam de desejo da equipe. A linha de produtos de futebol ter sido discutida e criada a partir desse mecanismo, a roda, trouxe para o coletivo a sensação de pertencimento dessa ideia pois, para que existisse um consenso de

como a produção deveria acontecer muitas opiniões foram discutidas bem como a criação de um plano coletivo, aceito e aprovado por todos.

O valor das bolsas-oficina tem viabilizado que os oficineiros que estavam em situação de vulnerabilidade devido à exclusão tanto do convívio social quanto do mercado de trabalho formal, conseguissem aos poucos reconquistar, além da renda, a dignidade e a inclusão social. Logo, o aumento significativo desse valor, como o que a linha de futebol proporcionou, favorece ainda mais essa reconquista.

Morin (2007) ainda nos traz o trabalho associado à noção de emprego; o salário que ele propicia permite prover as necessidades de base, dá um sentimento de segurança e possibilita ser autônomo e independente. Os valores das bolsas-oficina sofreram grandes alterações desde o início das vendas da linha de produtos de futebol, esse aumento favoreceu que os oficineiros pudessem auxiliar na renda de sus famílias, comprassem o que desejassem e viajassem para onde quisessem.

Ao pensar no trabalho com um possível papel reabilitador, os valores agregados às bolsas-oficina pela linha de produtos de futebol trouxeram também uma reverberação para a vida dos oficineiros. Gerar renda contribui para o aumento de autonomia e trocas sociais, possibilita que o sujeito possa ter acesso a moradia, alimentação, higiene e lazer. Sendo assim, as perspectivas pessoais e sociais que o aumento das bolsas geraram deve ser reconhecido como parte de um processo maior de reabilitação psicossocial e geração de sentido para o trabalho e a vida.

No contexto da reabilitação psicossocial, o trabalho é concebido como um recurso para a produção e a troca de mercadorias e de afetos, não simplesmente como instrumento de combate ao ócio e laborterapia. Ao se pensar o trabalho como prática que integraliza e socialmente legítima, as oficinas de geração de renda na saúde mental se constituem com o objetivo de ofertar trabalho para pessoas em sofrimento psíquico, contribuindo para a construção efetiva de autonomia e criando possibilidades de trocas sociais e subjetivas (TORDIN, 2005, p. 04).

A criação e o desenvolvimento da linha de produtos de futebol trouxeram para a Oficina de Vitrais muito mais do que o esperado inicialmente. Quando discutido, ainda como um projeto engatinhando, não era possível vislumbrar as potências por trás de cacos de vidro colados em um pedaço de madeira formando escudos de times de futebol. De fato, as reverberações posteriores a esse processo surpreenderam a todos, tanto financeiramente quanto em relação às questões sociais.

Em uma Oficina de Geração de Renda, a qual é necessário realizar uma produção intensa para que os trabalhadores recebam um valor razoável ao final do mês, arriscar uma linha de produtos nova e tão diferente do tradicional foi um marco de renovação.

4. CONCLUSÃO

O processo de criação – desde o surgimento da ideia até o início das vendas – possibilitou que algo de tamanha importância para o coletivo – futebol – se transformasse em parte do trabalho cotidiano trouxe interessantes consequências: desejo de produção, interesse pelas discussões de processo de trabalho, conhecimento sobre todos os processos os quais as peças passam para ficarem prontas, aumento dos ganhos mensais, entre outros.

Esse percurso, além de transformador para a Oficina de Vitrais, também o foi para mim. Além da possibilidade de conhecer e entender os processos de uma oficina de trabalho em um serviço de geração de renda, participar de uma construção que me transmitia tanto afeto – pelo futebol em si, mas também pela elaboração de algo tão inovador e com potencial de geração de sentido – trouxe sentido também para os meus dias.

Viver esse processo durante todos os meses, semanas, dias e horas que dividimos angústias, dúvidas, alegrias e surpresas me fez acreditar que é possível gerar renda com uma atividade que faça de fato sentido para quem a realiza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro, SDE/ENSP.

AMARANTE, P. Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da reforma psiquiátrica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n.3, p. 491-94, 1995.

ANDRADE, M. C. (et. al). Loucura e trabalho no encontro entre saúde mental e economia solidária. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, v.33, nº 1, 2013.

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

CANABRAVA et al. Tratamento em saúde mental: estudo documental da legislação federal do surgimento do Brasil até 1934. *Ver. Eletr. Enf.* 2010.

CAYRES, C.O. *et Al.* O desafio da reabilitação psicossocial. IN:HARARI, Angelina; VALENTINI, Willians (org). A reforma psiquiátrica no cotidiano. São Paulo: Hucitec, 2001.

GALVES et al. Trabalho e geração de renda como produção de cidadania na saúde mental: a experiência do núcleo de oficinas e trabalho de campinas. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.8, n.18, p.206-213, 2016.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 6, p. 79-90, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2019.

Leal EM. Trabalho e reabilitação psiquiátrica fora do contexto hospitalar. In: Costa, CM.; Figueiredo, A C; Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa 2004. p. 11-22.

MÂNGIA, E.F. Psiquiatria e tratamento moral: o trabalho como ilusão de liberdade. *Ver. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 08, nº 2/3. P. 91-7, maio-dez. 1997. TENÓRIO, F. A Reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *História, Ciências, Saúde*. Vol 9 (1). Jan-Abr. 2002.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

PACHECO, M. L. Saúde Mental e economia solidária: trabalho como dispositivo de autonomia, rede social e inclusão. Dissertação de mestrado. Brasília: 2013.

PACHECO, M.E.A.G; BEZERRA, S.S.; CAVALCANTE, S. Saúde Mental e Inclusão Social: Um Estudo de Revisão Sistemática da Literatura. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. Trabalho com Cultura e Arte: Implicações com Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Florianópolis, v. 18, n. 8, p. 44-45, 2016.

PORTARIA nº 1169, de 07 de julho de 2005. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1169_07_07_2005.html. Último acesso em 17 de dezembro de 2019.

RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P.(Org.). **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. cap.12, p. 267-277.

RIMOLI, J; CAYRES, C.O.. Saúde Mental e Economia Solidária. Armazém das Oficinas: Um olhar além da produção. Editora Medita. Campinas-SP. 2012.

ROVER, B.O. Economia solidária e saúde mental: Estratégias para subverter a lógica do trabalho institucionalizado. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2019/page/tcc_bia_segundo_ano_formatado.pdf. 2018. Acessado em 28 nov, 2019.

SARACENO, B. **Libertando identidades**: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Te Corá/Instituto Franco Basaglia, 2001.

SARACENO, B. A reabilitação como cidadania. In: **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível**. Rio de Janeiro: TeCorá, 1999. cap. 5, p.111-142.

SARACENO, B. La fine dell'intrattenimento. Manuale di riabilitazione psichiatrica. Milano. ETASLIBRI/RCS. Medicina, 1995.

SARACENO, B. Reabilitação psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In: PITTA, A. (Org.) Reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996

SILVA, E.K.B.; ROSA, L.C.S. Desinstitucionalização Psiquiátrica no Brasil: riscos de desresponsabilização do Estado? R. Katál., Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 252-260, jul./dez. 2014.

SILVA, Narbal; TOLFO, Suzana da Rosa. Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 341-354, dez. 2012. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000300008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2019.

SILVEIRA, L.C.; RICCI, E. O trabalho como produção de subjetividade e estratégia de reabilitação psicossocial. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.fcm.unicamp.br/fcm/residencias-em-saude/residencia-multiprofissional/programa-de-residencia-multiprofissional-em-saude-mental/tcc>. 2013. Acessado em 25 nov, 2019.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro; RAMOS, Fernando A. de Cunha. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 364-381, June 2012 .

APÊNDICES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Rubens Polpeta, CPF 043.978.498-08, RG17.760.952-7, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho intitulado “**O TRABALHO COM SENTIDO EM UMA OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UMA LINHA DE PRODUTOS DE FUTEBOL**”, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Bárbara Pegoraro Silveira Gomes a utilizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora desse trabalho, acima especificada.

Campinas, 28 de novembro de 2019.

Pesquisador responsável pelo projeto

Sujeito da Pesquisa

